



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA



**Mais
Ciência**

As casas do açúcar: Um estudo histórico-etnográfico dos assentamentos agroindustriais das usinas de Campos

Orientador: Simone Silva da Conceição

Bolsista: Fernando dos Santos Soprani

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2026



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA	5
MATERIAIS E MÉTODOS	10
RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	17

RESUMO

Este trabalho faz parte de um projeto, que foi iniciado em 2020, sobre a memória das vilas operárias das usinas de Campos. Enquanto as etapas anteriores do projeto focaram nas atividades de campo e levantamento etnográfico, esta etapa da pesquisa concentrou-se na análise documental e iconográfica nos Arquivos Municipais e no Museu Histórico de Campos, considerando a importância das vilas operárias para a formação histórica, social e territorial do município de Campos dos Goytacazes. Buscou-se realizar um estudo sobre a memória do complexo industrial agroaçucareiro, a partir de um levantamento histórico-etnográfico da arquitetura, do patrimônio e dos espaços coletivos das usinas. Para isso, foram analisados jornais, fotos e livros pertencentes aos acervos institucionais e outros registros relacionados às usinas e vilas operárias, com a finalidade principal de reunir material para a realização de uma exposição. O foco de nossa análise recai sobre as vilas operárias e as múltiplas questões que fazem parte do "habitar a plantation". Com a exposição, pretendemos, por um lado, problematizar, a partir de diferentes linguagens gráficas, a noção de "habitar colonial" (FERDINAND, 2022) e, por outro, explorar o sistema de "plot" (WYNTER, 1971), que se configura como uma brecha frente ao modo de "ocupar e explorar a terra" previsto pelo regime de exploração colonial das plantations. A análise do material levantado evidenciou que a moradia cedida pela usina operava como instrumento de poder e no controle da força de trabalho, o que condicionava a autonomia do trabalhador.

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi feito com base no plano de trabalho de um ano de bolsa. O foco central da pesquisa recai sobre as vilas operárias e as dinâmicas estruturantes da economia açucareira, que se articulam nesse ambiente e atravessam relações domésticas e supradomésticas.

O projeto está em seu segundo ano de atividade, cuja primeira etapa concentrou-se no levantamento etnográfico e na coleta de depoimentos e de fotos familiares das pessoas entrevistadas; sendo assim, reuniu-se através de pesquisa remota, materiais iconográficos: 192 fotos, 10 mapas geográficos, 1 esquema industrial, 4 plantas arquitetônicas, 2 desenhos, 4 tabelas e 1 vídeo. Com esses dados, foi possível mapear as vilas operárias de sete usinas de Campos no século XX, identificando quais delas ainda possuem ex-moradores e funcionários, e quais foram as transformações que essas vilas imprimiram ao município. Ainda nessa fase, em 2021, foram realizadas entrevistas presenciais com ex-moradores dessas usinas.

A etapa atual da pesquisa dedicou-se ao aprofundamento da bibliografia, fundamentação teórica e ao levantamento de fontes nos acervos e fundos históricos do município de Campos, como o Arquivo Municipal e o Museu Histórico.

O açúcar surge como um elemento central para compreensão das transformações socioeconômicas e ambientais do território brasileiro; ele é visto como essencial para analisar questões econômicas que estruturam o país, como também na construção das relações sociais que se observam até os dias atuais. Dessa forma, a partir de uma análise histórica e etnográfica das relações e vivências nas vilas operárias, o projeto teve como objetivo analisar como os núcleos fabris influenciaram e imprimiram transformações econômicas e sociais no município de Campos.

Nesse contexto, a pesquisa é orientada pelas seguintes questões: De que forma os complexos agroindustriais ligados à economia açucareira transformaram o município? Em que sentido as vilas operárias fazem parte da memória dos trabalhadores da cana? Como elas ajudam a problematizar o cotidiano do morador-trabalhador da usina tendo em vista a sua autonomia e os modos de habitar nesse contexto.

Considera-se que o encerramento das atividades produtivas nesses núcleos

fabris não representa apenas o fim de um ciclo econômico, e sim; desencadeia um processo complexo de desterritorialização de um conjunto considerável de trabalhadores desse setor. O interrompimento do funcionamento das usinas em Campos dos Goytacazes resulta frequentemente no apagamento da trajetória de vida desses trabalhadores e moradores das vilas operárias, que têm suas vidas ligadas ao território da fábrica. Emerge desse processo a necessidade de resgatar e resguardar através de registros históricos, orais e iconográficos a memória dos operários e de seus familiares. Partindo da compreensão de que as formas de relação, uso e habitação desses espaços constituem um patrimônio social construído, marcado por relações de trabalho, memória e por relações supra-domésticas que ultrapassam o ambiente privado, buscou-se, nessa etapa da pesquisa, analisar a existência e os limites da autonomia dos operários, nesse contexto marcado pelas noções de trabalho e moradia.

Em relação ao cronograma inicialmente submetido, previa-se um levantamento iconográfico e documental em bibliotecas e acervos municipais, bem como em acervos nacionais localizados na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, durante a execução da pesquisa, as dificuldades encontradas no levantamento impediram a realização da segunda etapa prevista no Rio. Dentre essas dificuldades, destacam-se a burocracia para acesso aos arquivos, a inexistência de um fundo específico para as vilas operárias e usinas açucareiras. O que criou uma necessidade de localizar essas informações perdidas em diferentes coleções, o que acabou demandando um tempo superior ao previsto, impossibilitando o fim das pesquisas nos acervos de Campos, e a execução da etapa inicialmente planejada para os acervos nacionais no Rio.

REVISÃO DA LITERATURA

1.1 As vilas operárias e a organização do espaço

Os estudos sobre vilas operárias evidenciaram que esses espaços ultrapassavam a função habitacional, sendo parte da organização territorial dos complexos industriais. Sob diferentes perspectivas, alguns autores analisam a arquitetura, os modos de habitar e a relação entre espaço construído, como também o patrimônio e pertencimento: (CAMPAGNOL, 2003; MASCARO, 2003; MACHADO, 2011; ROXO, 2013;

FERNANDES, 2017; OLIVEIRA, 2020; SOUZA, 2025).

As vilas operárias faziam parte de projetos amplamente utilizados por diferentes setores industriais brasileiros para garantir a permanência da mão de obra, e mantê-la próxima ao local de produção. Constituíam um novo modelo de habitação para o trabalhador. Uma oportunidade para os trabalhadores terem uma moradia barata e um “emprego bom”. Para os proprietários, era um importante mecanismo de atrair os trabalhadores e ter controle sobre eles, mantendo hábitos e rotinas saudáveis para, entre outras coisas, garantir a produtividade.

Essas usinas precisavam de um extenso território para a construção desses conglomerados, próximo a fontes de energias, matas, rios e ferrovias. Diante disso, houve um grande processo de desmatamento rural para a criação de usinas açucareiras.

Segundo Machado (2011), a organização social desses espaços era regida através de uma hierarquia, que refletiria na casa de cada sujeito. A autora demonstra uma pirâmide, com os trabalhadores comuns (agrícolas e fabris), no meio, os funcionários que possuem algum grau de graduação, e no topo, os donos e associados. As casas diferenciavam-se em território, tamanho e material. As casas dos trabalhadores rurais eram quase sempre dispostas dentro das vilas operárias ou núcleos habitacionais, por um conjunto de casas enfileiradas, em formato de arruados, separados muita das vezes apenas por paredes e telhados sem forro. Moradias essas que podem ser relacionadas a outras formas de dominação, como uma extensão das senzalas nos antigos engenhos, na medida em que essa organização espacial, se evidencia através do controle da mão de obra e proximidade entre a moradia e o local de trabalho. A autora traz a importância de reconhecer os núcleos fabris enquanto patrimônio cultural, pois mesmo que se constituíram de forma independente dos centros urbanos, são formados de memórias históricas e estruturais, que marcaram a transformação do território nacional.

1.2 Moradia trabalho e controle social

Para além de sua função apenas habitacional, as vilas operárias podem ser compreendidas como parte das condições de reprodução da força de trabalho. Ao integrar os espaços de moradia e trabalho, contribuem para a organização da produção e para a ampliação do controle patronal sobre o cotidiano dos trabalhadores,

evidenciando que a reprodução do capital ultrapassa os limites da fábrica e se estende à produção do espaço e da vida social (MARX, 2013; HARVEY, 2013). O controle social se dava através da coação, a “boa conduta” era um pré-requisito para ter acesso ao emprego e a moradia, sendo assim, os moradores subordinados ao medo constante de perder a casa e o emprego, além de prejudicar futuramente algum familiar que viria a necessitar de um benefício futuro. Dantas (2013) analisa os espaços de sociabilidade além das usinas, em como era comum as relações amorosas devido ao convívio dos operários, os espaços de lazer com o cinema. A todo momento, havia o receio de ser reconhecido e julgado na rua, uma vez que o sistema de relações e comunicação na cidade era fortemente controlado por estas ditas conveniências. Esse constante estado de vigilância produzia esse sentimento de insegurança, fazendo com que a conduta do morador fosse diretamente associada a sua posição de trabalho na fábrica. Dessa forma, reforça-se o argumento de que essa autonomia subjetiva do morador permanecia sempre subordinada às relações de trabalho estabelecidas pela usina. Nessa perspectiva, a proximidade entre moradia e fábrica favorecia a vigilância sobre os trabalhadores, regulando o cotidiano, as relações sociais e a disciplina do trabalho (DANTAS, 2013; FARIAS, 2012; MELO, 2012; SANTOS, 2017; SISQUIM, 2017).

De acordo com Farias (2012), a escolha distante do centro urbano para instalação de suas fábricas e moradias operárias era estratégica. A partir disso, os usineiros poderiam construir a sua cidade, com pouca circulação de pessoas, tendo controle total sobre todos que habitavam. A isenção do governo frente à dinâmica nas vilas também pode ser considerado como parte de um processo de limpeza higienista da população, visto que a maioria destes trabalhadores era negros e “recém libertos” do período escravocrata. A manutenção e higienização da casa, que era feita pelo comando do usineiro, reforçava ainda mais o dominador deste espaço e a falta de autonomia do trabalhador em sua própria casa. As festas e lazer eram realizados como mecanismos de controle patronal, a fim de alienar os operários que o espaço era diversificado, além do trabalho, e garantir a integração pacífica dos trabalhadores, mas cada ação era premeditada. Segundo Correia (2010 apud FARIAS, 2012), as vilas operárias desempenham múltiplas funções que extrapolavam a oferta de moradia, buscando disciplinar o tempo dos trabalhadores, manter a família vinculada à fábrica, reduzir conflitos entre capital e trabalho, ditar a moral e regular as práticas de lazer.

1.2 Memória, patrimônio e as vilas operárias em Campos dos Goytacazes

Nas últimas décadas, os estudos sobre as vilas operárias ultrapassaram os limites exclusivos acerca da associação do tema apenas como produção industrial e arquitetura, e passou a incorporar uma discussão sobre memória e modos de habitar. A partir dessa perspectiva, os conglomerados nos núcleos fabris são vistos como espaços de construção identitária e de experiências cotidianas, importantes para a preservação da história social dos trabalhadores.

Segundo Fernandes (2017), “não é possível preservar um bem cultural sem as leis urbanísticas convergirem com os instrumentos de preservação”, a preservação de um espaço não se dá somente pela forma física e concreta, mas também a partir da história e oralidade, mantendo vivo a memória. Assim como diz Simone Scifoni, a vila é um lugar de memória operária que é fruto da consciência política e histórica da cidade. Na luta contra o esquecimento, e as formas de alienação do trabalho, inclusive estes que destroem a identidade de classe e memória de um grupo. Devem ser elaborados um plano de preservação para restauração destes espaços, mas mantendo o reconhecimento do valor patrimonial.

Como afirma Bosi (1999, apud Dantas, 2013, pg, 95): [...] as pedras da cidade, enquanto permanecem, sustentam a memória. Além desses apoios temos a paisagem sonora típica de uma época e de um lugar. Há paisagens sonoras [...]

O patrimônio histórico está diretamente ligado à ideia de preservação e memória, SANTOS (2013), utiliza como pesquisa, por conta do número reduzido de estudos científicos acerca da Vila Industrial em Campinas, responsável por modificar o contexto socioeconômico da cidade. Não tão distante do que enfrentamos acerca dos estudos sobre as Vilas Operárias no norte fluminense. Apesar dos tombamentos, muitos desses bens culturais chegaram aos destroços, e algumas dessas casas de vila operárias foram ocupadas pelos moradores ou ex-trabalhadores dessas usinas, transformando em um espaço habitável.

Muita das vezes esse espaço era destruído de forma implícita pelos usineiros, com a ideia de expulsar as pessoas que ali habitavam, como a não manutenção de saneamento, água, da própria casa em si, foi uma forma de fazer com que essa população se retirasse obrigatoriamente desse espaço para sobrevivência.

No município de Campos, um dos principais exemplos desse processo é o bairro Santa Cruz, formado a partir de uma vila operária e das ruínas da antiga Usina Santa Cruz. Hoje, o conjunto permanece afastado da expansão urbana do distrito-sede, inserido em uma paisagem marcada por espaços não urbanizados remanescentes do

período de funcionamento da atividade sucroalcooleira. Riter e Godoy (2022) afirmam que a transformação dessas vilas operárias em bairros contribuiu para o aprofundamento da segregação socioespacial. Uma vez que esses núcleos permaneceram afastados do centro urbano, com o fechamento das usinas, os trabalhadores passaram a depender de empregos no centro urbano, enfrentando dificuldades de deslocamento devido à precariedade do serviço de transporte público.

Ainda na cidade de Campos, Barcelos (2024) traz o futebol operário como espaço de lazer e sociabilidade, a partir dos times que eram formados dentro das usinas, colocando o futebol não só como uma prática de lazer, mas também como fenômeno social dentro das dinâmicas capitalistas da agroindústria. Ele deve ser compreendido pelo papel que exerce na organização do território e na criação das identidades coletivas, fazendo parte de um processo de sociabilidade entre os trabalhadores, mas que reforça uma lógica de dominação das empresas. Esse espaço do futebol, tanto simbólico quanto territorial, reforça a dominação e a integração dos operários nas usinas. Os proprietários mantinham controle sobre o lazer e tempo livre dos trabalhadores, funcionando como uma ideia de integração social, mas também como mecanismo de vigilância e controle. Então o futebol operário é definido por essa ambivalência, pois ao mesmo tempo que era fruto de uma estrutura de controle patronal, esses trabalhadores também se apropriaram desse espaço ressignificando-o para sociabilidade e construção de uma identidade. Portanto, o declínio e fechamento das usinas também tem um forte impacto nessa territorialidade esportiva. Muitos dos clubes e campos foram abandonados e perderam sua função social. Essa desintegração dos times das usinas não representa somente o fim de uma prática de lazer esportiva, mas também um apagamento ou enfraquecimento de memória, identidade e pertencimento territorial, que atravessaram gerações de trabalhadores.

Segundo Passos (2018, p. 75), “o fim das atividades da usina do Queimado (e do setor sucroalcooleiro) está associado ao avanço do projeto neoliberal que se instala a partir da década de 1990.” A partir do texto é possível entender a usina não só como uma unidade industrial, mas como também uma instituição organizadora de território e da vida social. O texto retrata a grandeza da cidade de Campos, chegando a ser uma das principais produtoras nacionais de açúcar. É possível ver o avanço da arquitetura e urbanismo conforme o domínio dos usineiros, a paisagem do bairro Parque Santo Amaro é fruto disso, uma transição do domínio do usineiro para um domínio imobiliário e neoliberal. Campos é marcado por relações fortes e contínuas de poder,

que vão moldar o controle sobre o território e ditar a arquitetura e vida social dessa região. A usina e os usineiros deixam de produzir açúcar, e passam a ‘produzir’ valor imobiliário.

No contexto de Campos dos Goytacazes, diferentes pesquisas têm privilegiado a economia açucareira, as relações de trabalho, a formação territorial do município e os impactos da agroindústria canavieira, oferecendo importantes contribuições para compreender a história das usinas da região (CARVALHO, 2006; SOARES, 2015; FONSECA, 2016; PASSOS, 2018; BARCELOS, 2024). Mesmo com tantos estudos voltados para o norte fluminense, a região de Campos ainda carece de pesquisas científicas com foco central nas usinas e vilas operárias, visto que foi a cidade com maior produção de açúcar na economia do Brasil durante alguns anos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa documental e iconográfica no Arquivo Municipal e Museu Histórico de Campos. Por meio de levantamentos, foram organizados documentos e materiais iconográficos referentes aos complexos agroindustriais de Campos.

O método aplicado nesta etapa da pesquisa documental, direcionada ao reconhecimento de fontes documentais, bibliográficas e iconográficas. A participação no Núcleo de Estudos Rurais, tanto como bolsista quanto nas reuniões mensais, tem sido fundamental. O contato com essa bibliografia selecionada, e as discussões em grupo capacitam o desenvolvimento central de conceitos para esta pesquisa. Os debates e leituras coletivas, como o livro “A visão das Plantas”, da autora Djaimilia Pereira de Almeida, e “Sabedoria dos Cipós”, do autor franco-africano Dénètem Touam, foram fundamentais para construção do pensamento acerca da pesquisa. Essas duas obras fortalecem abordagens que ajudam na compreensão das usinas, além de sua função produtiva. Permitindo uma análise a partir do território enquanto memória, marcado por relação de trabalho, colonialismo e disputa por reconhecimento histórico. Demonstrando que paisagens, memórias e as experiências dos operários também constituem enquanto fontes legítimas para a construção de uma pesquisa científica. O diálogo com essas bibliografias e autores decoloniais possibilitou uma análise interpretativa e comparativa com o objeto de estudo desta pesquisa, que se interliga aos conceitos de memória, patrimônio e território, somando-se à metodologia da

pesquisa, principalmente por essa perspectiva crítica que se faz possível analisar os processos de silenciamento e invisibilidades que cerceiam a história dos trabalhadores das usinas de Campos.

Embora o cronograma de trabalho do projeto envolvesse o levantamento em acervos e bibliotecas do Rio, essa etapa não pode ser realizada em razão das dificuldades de acesso e organização das fontes e documentos nos acervos de Campos, no qual demandou um tempo maior de pesquisa.

Foi realizado um levantamento bibliográfico em 21 repositórios de universidades e centros de pesquisa nacionais. O objetivo central desse levantamento consistiu no reconhecimento de produções acadêmicas sobre patrimônio industrial, vilas operárias, usinas de açúcar, que fizessem referência e nos permitissem comparar o processo de desenvolvimento das usinas e vilas operárias de Campos dos Goytacazes com outros núcleos fabris das regiões do sudeste e do nordeste. A busca foi realizada em repositórios gerais como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), como também em repositórios e bibliotecas institucionais. Para garantir uma qualidade de pesquisa, foram utilizados os descritores fixos (palavras-chaves) como: 'cana-de-açúcar', 'vilas operárias', 'núcleo fabril', 'Campos dos Goytacazes'. O material coletado foi organizado, catalogado e fichado, auxiliando tanto na revisão da literatura quanto na análise das relações entre moradia, trabalho e a organização espacial dos assentamentos agroindustriais.

Autor(a)	Título da Obra	Instituição / Ano
CAMPAGNOL, Gabriela	<i>Assentamentos agroindustriais: o espaço da habitação em usinas...</i>	USP (2003)
MACHADO, Luiza L. P.	<i>Complexo sucroalcooleiro: uma nova chance à moradia do trabalhador.</i>	UNESP (2011)
MASCARO, Luciana P.	<i>Arquitetura e modo de vida no assentamento rural Bela Vista Chibarro.</i>	USP (2003)

SANTOS, Gabriel C. S.	<i>A vila e sua fábrica: imagens da comunidade da Vila Light...</i>	UNICAMP (2019)
RIBEIRO, Maria J. F. A.	<i>Memória, imigração e educação: Fábrica de Tecidos Carioba...</i>	UNICAMP (2005)
ROXO, Rafael	<i>A Vila Industrial e o patrimônio histórico arquitetônico...</i>	UNICAMP (2013)
FONSECA, Paola B. F.	<i>O trabalho no corte manual de cana-de-açúcar...</i>	UERJ (2016)
SISQUIM, Sayonara F.	<i>O governo de Hermes da Fonseca e as vilas operárias...</i>	UERJ (2017)

SOARES, Felipe V.	<i>O campo na luta por seus direitos: trabalhadores rurais...</i>	UERJ (2015)
PASSOS, Helio S.	<i>Da Usina do Queimado aos bairros residenciais...</i>	UFF (2018)
BARCELOS, Lucas B.	<i>Futebol operário e espaços no Brasil: times de usina...</i>	UFF (2024)
CARVALHO, Frederico A. FERNANDES, Daniele F.	<i>Usinas de açúcar do norte fluminense: resgate... Cidade e memória "Se essa casa fosse minha"...</i>	2006 UFJF (2017)
OLIVEIRA, Paulo R. R. FARIAS, Ivo dos S.	<i>O bairro Meio da Serra: de núcleo fabril à periferia... Dominação e resistência operária em Fernão Velho...</i>	UFJF (2018) UFAL (2012)
SANTOS, Bruno R. DANTAS, Pollyana C.	<i>Do engenho à usina: influência da atividade canavieira... A arte de fiar memórias e tecer narrativas...</i>	UFAL (2022) UFCG (2013)

MELO, Airton de S.	<i>Operários têxteis em Alagoas: organização e</i>	UFPE (2012)
SILVA, Ana Claudia da	<i>repressão... Reprodução do espaço e mercantilização do lugar...</i>	UFPE (2022)
SANTOS, Emanuel M. L.	<i>A fábrica da Macaxeira e a Vila dos Operários...</i>	UFPE (2017)
SOUZA, Carolina R.	<i>Vilas operárias e reconfigurações urbanas...</i>	UFRPE (2025)

Tabela 1 – Obras selecionadas e fichadas durante o levantamento bibliográfico realizado em repositórios institucionais.

Fonte: Elaboração do autor (2026).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os 6 primeiros meses de pesquisa foram realizados 77 levantamentos bibliográficos de 20 repositórios institucionais, abrangendo faculdades estaduais e federais das regiões Nordeste e Sudeste do país. Dentre essas 71 bibliografias levantadas, foram selecionadas 21 que mais se enquadraram ao objeto de estudo da pesquisa, focado nos conceitos de memória, vilas operárias e territorialidade. Esse processo de seleção revelou que, embora haja uma grande escrita a respeito de patrimônio cultural e usinas em outras regiões como São Paulo e Pernambuco, a região de Campos ainda carece de estudos voltados para as vilas operárias. Essa dificuldade reforça a relevância da presente pesquisa, que busca contribuir para a compreensão das vilas operárias enquanto espaços de memória, trabalho e organização territorial, ampliando um campo de estudos ainda pouco explorado no município.

O levantamento iconográfico realizado no Arquivo Municipal e Museu Histórico de Campos também permitiu iniciar a organização de um acervo voltado à elaboração de uma futura exposição sobre os conglomerados agroindustriais e as vilas operárias. A sistematização das fotografias, jornais e demais documentos constitui uma importante estratégia de preservação e divulgação da memória desses espaços.

Para dar sequência às etapas da pesquisa, foi realizado o curso da ENAP (Escola Nacional de Administração Pública) intitulado “Como montar uma exposição”. Curso

é o espaço de encontro entre o sujeito (visitante) e o objeto (material exposto), em um espaço que fique coerente e acessível ao público. Independentemente do material utilizado (visual, sonoro, textual) vai atingir o sujeito. A importância também de uma curadoria para avaliar o material levantado, e mediadores, cujo papel fundamental é aproximar os visitantes para o conteúdo da exposição, estimulando interpretações e pensamentos críticos. O material iconográfico levantado vai servir de base para a estrutura de uma exposição, para que se mantenha viva a memória e história desses trabalhadores e moradores das vilas operárias. A transição de senhores de engenho para os usineiros, e do processo de escravidão para salariado, também problematiza-se a disposição linear das moradias nas vilas operárias, que mesmo em contextos históricos distintos, fazem referência aos antigos modelos de senzalas, com apenas uma divisória de parede e um teto sem forro.

Mesmo que o município de Campos contenha alguns estudos acerca do tema, a inexistência de um fundo documental específico destinado às usinas açucareiras, às vilas operárias e aos assentamentos agroindustriais gera um grande desafio para pesquisar o tema. Fica em evidência apenas estudos que contemplem a família usineira e seus bens, a dispersão das informações e a inexistência de um fundo histórico específico para esse tema evidenciam o reduzido investimento na preservação dessa documentação, contribuindo para o apagamento da história dos trabalhadores e de seus espaços de moradia. Dessa forma, a própria dificuldade metodológica constitui num resultado da pesquisa, ao indicar essas lacunas existentes nos processos de organização e conservação dos acervos locais.

O levantamento iconográfico realizado também revelou que a maior parte das fotografias preservadas privilegia instalações industriais, eventos institucionais e figuras ligadas aos usineiros, enquanto os trabalhadores aparecem de forma secundária ou são completamente ausentes. Isso apenas reforça essa dominação e apagamento da memória desses operários. A consulta aos exemplares do *O monitor campista*, permitiram identificar as notícias anuais referentes às usinas açucareiras. Embora essas referências às vilas operárias apareçam de maneira dispersa, esses registros contribuíram para compreender a presença das usinas no cotidiano do município, como atividades econômicas, demissão de empregados, e desmatamento da fauna e flora.



Figura 1 – Exemplar do jornal *O Monitor Campista* (1980) consultado durante a pesquisa. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Campos dos Goytacazes. Fotografia do autor (2026).

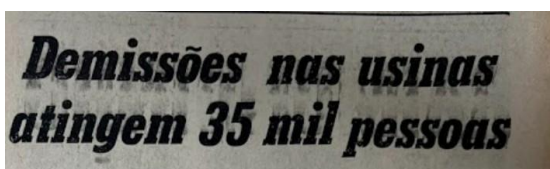


Figura 2 – Exemplar do jornal *O Monitor Campista* (1980) consultado durante a pesquisa. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Campos dos Goytacazes. Fotografia do autor (2026).



Figura 3 – Coleção Godofredo Tinoco, consultado durante a pesquisa. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Campos dos Goytacazes. Fotografia do autor (2026).

A figura 3, mostra como a Usina São José, agia associado à ideia de eficiência e progresso. Construindo uma narrativa de harmonia entre a indústria e os seus operários, a produção como um esforço coletivo. Entretanto isso mascara as relações de poder presentes do cotidiano da usina, as desigualdades entre usineiros e trabalhadores e os mecanismos de controle que organizam os espaços.



Figura 4 – Coleção Godofredo Tinoco, consultado durante a pesquisa. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Campos dos Goytacazes. Fotografia do autor (2026).

A figura 4 apresenta uma propaganda acerca do açúcar, afirmando “em toda a sua vida, o açúcar é participante dos seus momentos mais felizes, mais agradáveis de recordar”. Essa representação associa o açúcar a experiências afetivas, familiares e de felicidade. Deslocando totalmente a atenção do processo de produção para o consumo. Em diálogo com Marx, essa construção pode ser analisada a partir do conceito do fetichismo da mercadoria, na medida em que a mercadoria passa a ser portadora de qualidades próprias, ocultando a mão de obra e relações sociais envolvidas no processo de produção. Dessa forma a propaganda invisibiliza os trabalhadores das usinas, e as condições materiais em que sustentava essa produção açucareira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender as vilas operárias dos assentamentos agroindustriais das usinas de Campos dos Goytacazes, a partir de um estudo histórico-etnográfico, com levantamentos documentais e iconográficos, analisando as relações de moradia, espaço, trabalho, existência e as formas de habitar.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu compreender as vilas operárias como espaços além de simples locais habitacionais, mas como grande parte de uma estrutura de mecanismo de poder e força de trabalho.

Esse levantamento bibliográfico revelou a escassez de pesquisas voltadas à experiência dos moradores das vilas operárias no município de Campos, reforçando ainda mais a relevância e importância da presente pesquisa para contribuição e resgate dessa história e memória.

A pesquisa documental e iconográfica permitiram reunir um material significativo de fotografias, jornais, para a elaboração de futuras pesquisas, e uma exposição sobre as vilas operárias, voltado à preservação da memória de seus trabalhadores. Ao mesmo tempo, a inexistência de fundos documentais específicos sobre as vilas operárias evidenciam o apagamento e as lacunas na memória institucional acerca da história dos trabalhadores e seus espaços de moradia. Por isso a importância de fazer o resgate da história oral através dos ex-moradores dessas usinas.

Mesmo que algumas etapas previstas do processo não tenham sido concluídas, em razão das limitações, o objetivo da pesquisa segue sendo alcançado. A partir do momento em que o levantamento e o resgate dos materiais iconográficos permitiram preencher parte das lacunas existentes sobre a história das vilas operárias de Campos dos Goytacazes, contribuindo assim para a preservação de sua memória e para futuras investigações sobre o tema, assim como também na realização de uma exposição.

Os resultados apresentados mostram que ainda há muita necessidade de ampliar os estudos acerca do tema apresentado, e a importância de pesquisas futuras que façam o resgate dessa memória e história que fez parte da construção da economia brasileira, principalmente na cidade de Campos. Os estudos contribuíram para a preservação de memórias que, por muito tempo, permaneceram apagadas e silenciadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **A visão das plantas**. Rio de Janeiro: Todavia, 2021.

BARCELOS, Lucas Batista. **Futebol operário e espaços no Brasil: os times de usina de Campos dos Goytacazes**. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024

BONA, Dénètem Touam. **Sabedoria dos cipós**. São Paulo: Ubu, 2025.

CAMPAGNOL, Gabriela. **Assentamentos agroindustriais: o espaço da habitação em usinas de açúcar da região de Piracicaba**. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

CARVALHO, Frederico Alvim. **Usinas de açúcar do norte fluminense: um resgate parcial da história social de Cambaíba representada pelos álbuns fotográficos da década de 1950**. 2006. Monografia (Especialização) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2006.

DANTAS, Pollyana Cardoso. **A arte de fiar memórias e tecer narrativas: o viver urbano do operariado areiense (1940-1980)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

FARIAS, Ivo dos Santos. **Dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho (Maceió/AL)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

FERNANDES, Daniele Ferreira. **Cidade e memória: "Se essa casa fosse minha": estudo sobre o pertencimento nas vilas operárias em prol da preservação**. 2017. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FONSECA, Paola Barros de Faria. **O trabalho no corte manual de cana-de-açúcar na agroindústria canavieira campista: a perspectiva do trabalhador e da imprensa**. 2016. Dissertação (Mestrado em Política Social e Trabalho) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MACHADO, Luiza Lutti Pinheiro. **Complexo sucroalcooleiro: uma nova chance à moradia do trabalhador**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

MASCARO, Luciana Pelaes. **Arquitetura e modo de vida no assentamento rural Bela Vista Chibarro**. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

MELO, Airton de Souza. **Operários têxteis em Alagoas: organização sindical, repressão e vida na fábrica (1951-1964)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Rodrigues de. **O bairro Meio da Serra: de núcleo fabril à periferia – Petrópolis, Rio de Janeiro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia)

– Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

OLIVEIRA, Regiane Santos Flauzino de. **Vivência em uma vila operária: um estudo sobre o habitar, o ser e o pertencer. 2020.** Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

PASSOS, Helio dos Santos. **Da Usina do Queimado aos bairros residenciais: mudanças e permanências na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes.** 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas) – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2018.

RIBEIRO, Maria Jose Ferreira de Araujo. **Memória, imigração e educação: Fábrica de Tecidos Carioba: uma vila industrial paulista no início do século XX.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ROXO, Rafael. **A Vila Industrial e o patrimônio histórico arquitetônico de Campinas – SP: entre a conservação e a reestruturação urbana.** 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SANTOS, Bruno Ranieri dos. **Do engenho à usina: a influência da atividade canavieira no desenvolvimento social e econômico da população alagoana.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS, Emanuel Moraes Lima dos. **A fábrica de tecidos da Macaxeira e a Vila dos Operários: a luta de classes em torno do trabalho e da casa (1930-1960).** 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SANTOS, Gabriel Carlos de Souza. **A vila e sua fábrica: imagens da comunidade da VilaLight nas memórias de seus ex-moradores.** 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SILVA, Ana Claudia da. **O processo de reprodução do espaço e a mercantilização do lugar: um olhar sobre a Vila da Fábrica, Camaragibe/PE.** 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SISQUIM, Sayonara Faria. **O governo de Hermes da Fonseca e a construção de vilas operárias na Primeira República (1909-1915).** 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

SOARES, Felipe Vieira. **O campo na luta por seus direitos: uma análise sobre a relação entre os trabalhadores rurais campistas e os direitos trabalhistas no Rio de Janeiro**

(1945-1964). 2015. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

Júlia Riter; Antonio Leandro Crespo de Godoy. **HISTÓRIA E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL: O bairro Santa Cruz em Campos dos Goytacazes, RJ..** In: ANAIS DO XIV CONGRESSO FLUMINENSE DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA / VII CONGRESSO FLUMINENSE DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2022, Campos dos Goytacazes. Anais eletrônicos..., Galoá, 2022.

HARVEY, David. **Os limites do capital.** São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.



Documento assinado digitalmente
FERNANDO DOS SANTOS SOPRANI
Data: 28/07/2026 16:46:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente
SIMONE DA CONCEICAO SILVA
Data: 28/07/2026 19:37:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>